"NOTICIAS DA HUILA"
. SEMANARIO
Caixa Postal N.º 132—Telegramas: NOÍLA

SÁ DA BANDEIRA
(Lubango)

Lubango, 28 Março 1934

Meu Prezado Amigo e Colega

A sua estimada carta de 12 deu-me a honra duma incumbencia que imediatamente e com o maior prazer cumpri. Segue, sob registo, o livro HUILA, do Henrique Galvão e para o qual se não dispensou de enviar a importância. Sempre que precise algo desta terra e veja que o meu fraco valimento lhe pode ser util só tem o incomodo de mandar.

Noticias poucas ha para lhe dar. Cá vamos remando com a tenacidade de sempre para vencer mais êste compasso da crise. Devo deixar no fim dêste mês o serviço da Companhia e ainda não sei que rumo tomará, em definitivo, a minha vida. O jornal nada dá e nunca até agora tirei dêle qualquer provento. Ora não é num meio como êste pequeno e pobre, em que o jornal nem sequer tem a defesa contingente da publicidade, que poderei esperar dêle com que me mantenha. Isto é pobre em tudo e ninguém - ou pelo menos poucas pessoas - avaliam o que é êste trabalho ingrato de comunicar com o publico fazendo duas vezes por semana um jornal que se lê em dez minutos. Não nos abandone a esperança e arranjemos uma reserva de estoicidade e tudo ha-de vir a obter a sua compensação. Já parece que estou embuído do fatalismo árabe.

Não o quís incomodar, falando-lhe do caso da reintegração de minha mulher, mas a sua carta abordando êsse assunto dá-me aso a que dêle trate. O assunto está presentemente neste pé: O governador de Mossâmedes, com quem mantenho relações pessoais boas, quando para aqui veio o governador Serrão, falou e escreveu-lhe depois, sôbre no caso de minha mulher e apresentando-lho como de justa reparação. O governador mandou-me falar no caso e em face dos desejos manifestados fez-se uma exposição sôbre o assunto e a documentação sôbre ele foi levada para Loanda pelo engenheiro Melo Vieira - que dando-se bem com o Serrão, que é também colega - se havia interessado pessoalmente pelo caso. O G.G. parece ter já telegrafado ao genro dizendo ir procurar solução para o assunto.

Ha agora um outro ponto a ladear: - é o da informação que, conforme as praxes burocraticas, tem de ser dada pelo chefe da repartição de instrução, o sr Rosinha. Só o conheço de nome através de referências que dêlemme fez o Almeida Costa. Mas, por informações que deu o professor Cabral que aí esteve ha pouco, o Rosinha, tem qualquer coisa a indispô-lo comigo e que eu receio seja o facto de abertamente, nas colunas do meu jornal, ter manifestado a opinião - que mantenho através de tudo - que os lugares de inspectores só devem ser preenchidos por concurso, ao qual mesmo deviam ser submetidos os actuais inspectores que, pela parte que respeita à bestiaga que aqui temos a desorganizar o ensino, não honra nada êsse alto cargo. E' indispensavel dizer-lhe quais as

de Felipe Coelho
Caixa postal 132
LUBANGO

LUBANGO; 4 de Dezembro de 1934

Meu muito Querido Amigo

Venho agradecer-lhe a sua amavel oferta e as suas boas palavras. Muito me agradou a leitura do seu volume de Teatro, por ver nos assuntos escolhidos e bem tratados o teatro de ideias, sendo talvez o palco ainda o meio mais expressivo para a sua compreensão, ferindo directamente o público. Contudo a leitura, neste meio onde o teatro é a miséria que se sabe e está reduzido à furiosidade de alguns poucos amadores que através de tudo vão alimentando o fogo sagrado em palcos particulares, não deixa de ter o seu encanto, pois a literartura teatral tem o condão de desenvolver mais rapidamente a acção sem o descritivo do romance, condensando-a e apresentando o conflito através das situações e das proprias palavras dos personagens, vincando mais fortemente os caracteres.

Nas suas peças, que, como disse, li com muito interesse e muito agrado, vi manter-se ainda, a-pesar de todos os desenganos da vida, o idealismo que nada conseguiu ainda desvanecer. As misérias duma sociedade gafada e vivendo de preconceitos, em que triunfam todas as mentiras e se amesquinham as qualidades nobres, focou-as devidamente, expondo essas torpezas em contraste com o sacrificio ignorado daqueles para quem a vida ha-de ser sempre um ~~xxxxxxxx~~ tormento sem nome, visto que a pautaram pelas normas duma moral que se apregôa com enfase e que raros seguem.

Creio bem, meu caro Amigo, que os proventos que a sua edição lhe venha a dar serão poucos ou nulos. Contudo fique-lhe a satisfação de ter estudado e descrito com verdade dois casos, duas mentiras da nossa civilização, vivendo de exterioridades, de preceitos campanudos, mas onde o trabalhador digno e honesto, aquele que deseja manter integra o seu caracter, ha-de sofrer, ha-de morrer à mingua.

Bem haja pelo bom serviço de pôr a descoberto essas chagas e de as haver cauterizado com a sua palavra cheia de verdade e de bons ensinamentos.

Não disse ainda isto por outras palavras para o público, pois quando recebi os volumes que enviou para venda e que puz na casa Venâncio, tinha deixado as lides jornalisticas. A vida impoz-me a obrigação de procurar novo rumo, pois, terminado o contrato na Companhia de Mossâmedes, forçoso era buscar em situação mais prosaica a hoje dificílima manutenção minha e dos meus meus. A-final dos meus anos de sacrifícios pelo jornal só tive como resultado palpavel prejuizos materiais e desgostos que, se não me quebraram o caracter, me diminuiram a energia. Cá estou, pois, como o meu Amigo, a contas exclusivas com numeros, à espera de melhores dias, nesta esperança indefinida que teimosamente em nós se alberga.

razões que me levam a desejar que o ensino seja orientado pelos melhores e não pelos mais apadrinhados - como infelizmente tem acontecido. O ensino primário é a base da formação dos cidadãos e é necessário que a ministra-lo estejam pessoas desempoeiradas e a orienta-lo quem tenha a necessária competência e o sentido nítido do fim a que visam os novos processos pedagogicos que tendem a valorizar o homem e não a oprimi-lo.

E'claro que a porta da nomeação é mais faail de transpôr e exige menos trabalho de preparação. De aí o ser olhado como inimigo aquele que advoga xabertamente os concursos. Pelo menos estes dão uma garantia [redacted]: - a de que para se ocupar o cargo é preciso saber, o que não sucede ao alarve que aqui temos que é duma estupidez e duma ignorancia enciclopedicas.

Ora, como ia dizendo, talvez por êsse facto, de querer concursos, o Rosinha me tem de ponta, tendo dito perentóriamente ao Cabral que não podia informar favoravelmente o caso de minha mulher. Que concorresse. Ora se ela quizesse concorrer já o tinha feito. O que me interessa é que lhe seja dada a reparação moral a que tem direito.

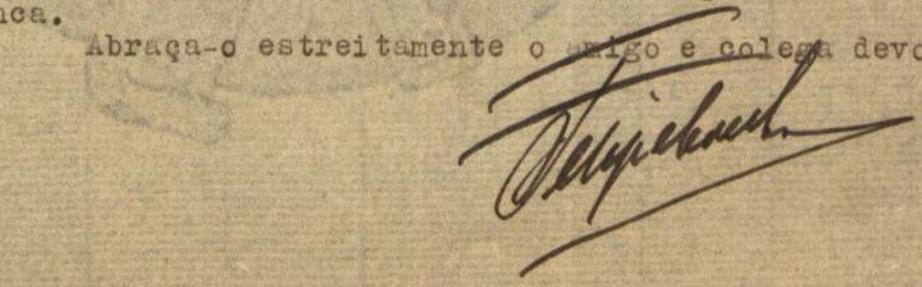
O caso deve ter sido tratado já pelo G.C. e creio mesmo que êle o confiou para resolução legal ao Procurador da Republica a quem o mandou chamar. Creio, pois, que o assunto por êsse lado esteja encaminhado. Falta que o Rosinha lhe não ponha entraves - que aliás se não justificariam senão por má vontade - e como sei que o meu caro Quartim mantém com êle as melhores relações, espero lhe fale no caso e lhe diga o que entender sôbre êle.

Esperei pelo Galvão para tratar do assunto. Mas êle não veio para inspector das Colónias como em tempo se falou. Tem hoje situação melhor e dentro dela... não pode cuidar de coisasx minimas. Por isso nunca incomodei os meus Amigos para tratarem do assunto por esse lado.

E após esta prelenga enorme sôbre um caso puramente pessoal, peço-lhe desculpa do tempo que lhe roubei com êle.

E não terminarei sem lhe enviar noticias e cumprimentos da Dona Ilda, com quem falei, dizendo-lhe que me havia escrito. Estão todos bem lá em casa e o marido dela é agora membro da censura. Foi uma tremenda habilidade para estarem sossegados, visto que eu de maneira alguma iria deliberadamente provocar uma transferencia ao Araujo, de quem sou amigo, pois é esta a moeda com que, pelo menos, se castiga o desagrado que possa merecer uma atitude franca.

Abraça-o estreitamente o amigo e colega devotado e admirador



NOTICIAS DA HUILA
BI-SEMANÁRIO
Caixa Postal N.º 132 — Telegramas: NOÍLA
SÁ DA BANDEIRA
(LUBANGO)

Lubango, 27 Janeiro 1947

Meu Querido Amigo e Distinto Camarada
Pinto Quartin

Não sei como hei-de aparecer diante de si, tão culpado me sinto de não haver respondido ainda a uma carta há meses recebida e que tenho andado dia a dia para responder, aguardando um dia que me sobeje tempo para o fazer detidamente. Infelizmente os dias vão-se sucedendo sem que êsse ensejo se proporcione e assim passou este longo lapso, que mais agrava a minha falta.

E como que a dar-me a certeza da sua desculpa amiga - que não toma como menos estima êste longo silêncio, acabo de receber o seu gentil cartão desejando-me um novo ano feliz. Muito e muito grato me confesso, tanto mais que em minha consciência me julgo culpado duma falta, cuja desculpa só à sua generosa amizade confio.

Continuo aqui sosinho a fazer o jornal duas vezes por semana e isso ocupa-me todo o tempo e tira-me a vontade de escrever, pois sinto-me arrazado. Estou em Angola há 19 anos e só lá fui nas circunstâncias em que sabe - quando aí nos encontrámos em fins de 1941 - e que me abalou os nervos, pois só aí descobri que tinha pressão arterial que no ano findo me ocasionou dois ameaços congestivos, um dos quais me tomou o braço direito e o outro o nervo optico. Depois disso melhorei, recompus-me é certo, mas sempre com a recomendação médica de não trabalhar demasiado e vigiando sempre a pressão, que felizmente se vai mantendo em 18. E neste equilíbrio entre a necessidade de fazer a minha vida e as recomendações da medicina, cá vou andando, aguardando que passem mais dois anos para poder então ir a Portugal com a família descansar durante uns meses. Estou ansioso por ir lá, mas as dificuldades por um lado e o facto de ter em Coimbra o meu rapaz cursando êste ano o 3º de Medicina o que me obriga a uma despesa certa, não me deixam satisfazer tão depressa quanto queria êste desejo. Espero, pois, ir lá quando da formatura do rapaz. Alimentamos, porém, essa esperança, pois como diz o rifão: em esperanças se passa a vida.

Li e guardo o seu magnfico artigo sôbre o estado a que a censura reduziu o jornalismo, não permitindo que se fizessem mais jornalistas (os que ainda hoje existem são os da velha escola). Verdades como punhos só lhe foi permitido dize-las naquela aberta das passadas eleições. Depois disso fechou-se a torneira da liberdade e hoje a censura está cada vez mais apertada, tendo o meu jornal sido vítima dela, pois raro é o número em que não há lanho. E não vejo geito de se modificar esta situação de policiamento do pemsamento. E assim a nossa missão é pouco menos que inútil. Tenho sempre bem presente uma frase que o meu Caro Quartin aqui me disse um dia referindo-se aos jornalistas de Angola : -"Não nos estimam, temem-nos." Agora com a censura, nem isso. Pois só se pode dizer o que eles querem... E assim, os nervos vão-se consumindo, esgotando-nos. É tarde para mudar de vida e já não estou em idade de construir outra nova. Resginemo-nos.

E perdôe que faça da sua amizade um novo muro de lamentações É pelo menos, um desabafo para com quem nos compreende.

Desejo-lhe muito sinceramente, a si e a todos os seus, as maiores venturas.

E se de algum préstimo vir a minha inutilidade, muito prazer teria em poder pô-la ao serviço das suas ordens.

Um grande abraço do velho amigo e admirador

Fernando

NOTICIAS DA HUILA
BI-SEMANÁRIO
Caixa Postal N.º 132 - Telegramas: NOILA
SÁ DA BANDEIRA
LUBANGO

Lubango, 27 Janeiro 1947

Meu Querido Amigo e Distinto Camarada
Pinto Quartin

Não sei como hei-de aparecer diante de si, tão culpado me sinto de não haver respondido ainda a uma carta há meses recebida e que tenho andado dia a dia para responder, aguardando um dia que me sobeje tempo para o fazer detidamente. Infelizmente os dias vão-se sucedendo sem que esse ensejo se proporcione e assim passou este longo lapso, que mais agrava a minha falta.

E como que a dar-me a certeza da sua desculpa amiga - que não toma como menos estima êste longo silêncio, acabo de receber o seu gentil cartão desejando-me um novo ano feliz. Muito e muito grato me confesso, tanto mais que em minha consciência me julgo culpado duma falta, cuja desculpa só á sua generosa amizade confio.

Continuo aqui sosinho a fazer o jornal duas vezes por semana e isso ocupa-me todo o tempo e tira-me a vontade de escrever, pois sinto-me arrazado. Estou em Angola há 19 anos e só lá fui nas circunstâncias em que sabe - quando aí nos encontrámos em fins de 1941 - e que me abalou os nervos, pois só aí descobri que tinha pressão arterial que no ano findo me ocasionou dois ameaços congestivos, em dos quais se tomou o braço direito e o outro o nervo optico. Depois disso melhorei, recompus-me é certo, mas sempre com a recomendação médica de não trabalhar demasiado e vigiando sempre a pressão, que felizmente se vai mantendo em 18. E neste equilíbrio entre a necessidade de fazer a minha vida e as recomendações da medicina, cá vou andando, aguardando que passem mais dois anos para poder então ir a Portugal com a família descansar durante uns meses. Estou ansioso por ir lá, mas as dificuldades por um lado e o facto de ter em Coimbra o meu rapaz cursando êste ano o 3º de Medicina o que me obriga a uma despesa certa, não me deixam satisfazer tão depressa quanto queria êste desejo. Espero, pois, ir lá quando da formatura do rapaz. Alimentamos, porém, essa esperança, pois como diz o rifão: em esperanças se passa a vida

Li e guardo o seu magnífico artigo sôbre o estado a que a censura reduziu o jornalismo, não permitindo que se fizessem mais jornalistas (os que ainda hoje existem são os da velha escola). Verdades como punhos só lhe foi permitido dize-las naquela aberta das passadas eleições. Depois disso fechou-se a torneira da liberdade e hoje a censura está cada vez mais apertada, tendo o meu jornal sido vítima dela, pois raro é o número em que não há lanho. E não vejo geito de se modificar esta situação de policiamento do pensamento. E assim a nossa missão é pouco menos que inútil. Tenho sempre bem presente uma frase que o meu Caro Quartin aqui me disse um dia referindo-se aos jornalistas de Angola : -"Não nos estimam, temem-nos." Agora com a censura, nem isso. Pois só se pode dizer o que eles querem... E assim, os nervos vão-se consumindo, esgotando-nos. É tarde para mudar de vida e já não estou em idade de construir outra nova. Resginemo-nos.

E perdõe que faça da sua amizade um novo muro de lamentações É pelo menos, um desabafo para com quem nos compreende.

Desejo-lhe muito sinceramente, a si e a todos os seus, as maiores venturas.

E se de algum préstimo vir a minha inutilidade, muito praser teria em poder pô-la ao serviço das suas ordens.

Um grande abraço do velho amigo e admirador